

## Valeu a pena: fiz aquilo que eu gostava de fazer!

Anatoly Kravchenko

Eu nasci na Rússia, na cidade de Belgorod, no meio da guerra, em 1940. O que está ocorrendo agora, a briga da Rússia com a Ucrânia, eu passei tudo aquilo lá.

Eu vim para o Brasil por causa da guerra. Quando começou a guerra, os alemães pegaram as mães e os filhos e levaram para a Alemanha. Os maridos ficaram combatendo. Então, eu, com 4 anos de idade, fui parar na Alemanha.

Quando terminou a guerra, a minha mãe se casou com outro homem, já que meu pai foi declarado desaparecido na guerra, e acabamos ficando na Alemanha.

Foi quando o governo do Brasil se prontificou a receber os remanescentes da guerra que viviam lá na Alemanha, de outros países, e ofereceu terra aqui, serviço. Meu padrasto era fazendeiro na Ucrânia, logo, entendia de terra. Então, eu saí da Alemanha com 10 anos.

Inicialmente, fomos para o Rio de Janeiro, onde os imigrantes passavam por uma fase de adaptação. Depois, viemos para Goiás, porque o Pedro

Ludovico Teixeira, que era interventor federal em Goiás, estava doando terras para os refugiados da guerra. Meu padrasto, que entendia de abelhas, foi contratado pelo Ministério da Agricultura para criar abelhas aqui.

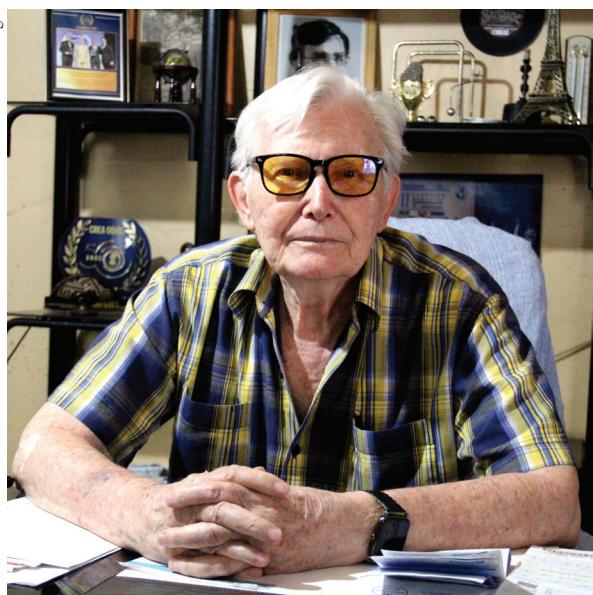
Após cursar o chamado técnico-científico no Lyceu de Goiânia, que hoje deve ser o equivalente ao segundo grau, comecei a trabalhar no Departamento de Estradas e Rodagem do Estado de Goiás (DERGO). Trabalhei lá durante um ano, sem salário, para poder aprender a desenhar e trabalhar com fotografia. Fiquei trabalhando lá, mas sempre pensando que o que eu gostava mesmo era de Geologia.

Então, fui para Ouro Preto, em Minas Gerais, onde havia os cursos de Geologia e Engenharia Civil juntos. Os grandes engenheiros daquela época, aqui em Goiânia, foram todos formados lá. Só que as casas lá eram de pedra e, na época de frio, era um frio insuportável. Era uma cidade fechada, e eu estava acostumado com cidade mais aberta, e eu falei: “Eu não aguento esse clima aqui não! Vou lá para a Universidade de São Paulo (USP)”.

Lá na USP, havia vários colegas meus daqui, e eu morava na casa do estudante. Para me sustentar, eu fazia trabalhos e projetos para os meus colegas que já faziam o curso lá, porque meu padrasto não me dava um real. Mas houve uma fase em que quase não havia mais trabalho para fazer, e, como eu tinha que me sustentar, decidi voltar para Goiás, para o meu serviço no DERGO, e fazer o curso de Engenharia aqui.

No curso de Engenharia, havia um professor de Cálculo muito exigente, que gostava de implicar comigo por qualquer fraçãozinha, por causa de uma vírgula, alguma coisinha lá. Isso me enchia a paciência! Um dia, eu passei pela rua onde fica o prédio do curso de Medicina e vi uma grande faixa onde se lia: “Vestibular para Agronomia”. Olhei assim e pensei: “Na Agronomia tem Engenharia. Eu vou fazer esse trem!”. Aí eu prestei o vestibular, passei e acabei me formando em Agronomia.

Foto: Gilson Pedro Borges



No primeiro dia de aula, foi difícil chegar à Escola de Agronomia, pois não havia transporte público para lá. Alguns conseguiam chegar de carro, mas outros nem bicicleta tinham. Havia apenas uma estrada de terra em que os leiteiros passavam de carroça. Nós chegamos lá e olhávamos um para a cara do outro, desiludidos, pois não havia quase nada lá. Eu ainda subi na caixa d'água que existe na Escola e tirei fotografias de tudo em volta, pra mostrar como era o local, no início. Lá onde agora está o obelisco, havia um monte de ferragem para construir a antena da Rádio Universitária. Depois, inclusive, eu até ajudei a montar essa antena, porque precisava de equipamento para colocá-la na vertical. Mas, todo dia, era uma luta para chegar lá, já que não tinha asfalto, não tinha estrada. Não tinha nem aquela ponte de concreto que existe hoje. Era

uma ponte de madeira lá embaixo. Depois que tudo passou a ser construído, o pessoal começou a animar mais. Mas, no início, havia alunos que até dormiam na Escola, já que não tinham como voltar para casa. Levavam pão e biscoito para poder sobreviver, já que também não existia restaurante. Depois eu consegui construir um restaurante. Aí foi uma festa. Tudo foi melhorando, melhorando. Posteriormente, foi comprado um ônibus para a Escola, e havia lugar já marcado na cidade onde o ônibus pegava os alunos para levar para a Escola.

Para as aulas práticas, também tivemos muitas dificuldades, porque não havia laboratórios. A gente usava muito os laboratórios dos cursos de Farmácia e Medicina. Lá na Medicina, eu construí dois laboratórios e acabei fazendo curso dentro deles. O médico Francisco Ludovico de Almeida Neto foi o primeiro

Foto: Acervo Cidarr/UFG



Foto: Anatoly Kravchenko



Escola de Agronomia e Veterinária da UFG, na década de 1960.

diretor do curso de Medicina da UFG e, sabendo que eu lidava com obras na UFG, me chamou um dia e falou: "Eu quero que você me faça dois laboratórios aqui!". Justamente os laboratórios em que eu iria estudar, porque eu ainda era aluno. Eu respondi: "Eu topo. Mas o senhor não tem gente para me ajudar a medir a área lá não?". Ele disse: "Não tenho não! Mas eu vou com você!". Resultado, arranjei um médico como auxiliar para puxar a trena.

Na Escola de Agronomia, o Diretor até conseguiu a conseguir dinheiro para a construção de novos prédios, mas não para a elaboração dos projetos. Aí eu acabava fazendo os projetos todos. Já na Escola de Veterinária, o MEC destinou dinheiro para a construção do hospital veterinário no início do ano e exigiu que a obra fosse concluída até o fim do mesmo ano, mas, como também não destinou dinheiro para a confecção do projeto, e nem tampouco para a administração das obras, também coube a mim construí-lo.

Nessa época, muito equipamento foi doado pela Alemanha para à UFG, incluindo uma máquina de raio-x para a Escola de Veterinária. Muita coisa foi aproveitada, inclusive para a Escola de Agronomia, que recebeu um equipamento de fotointerpretação, que é uma mesinha com dois oculares, em que você junta as fotografias e obtém a terceira dimensão.

Para conseguir o reconhecimento do curso de Agronomia junto ao MEC, participaram ativamente tanto os alunos quanto os professores. Logo após o reconhecimento, já abriram concurso para professores, para o qual surgiram candidatos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, porque não havia profissionais capacitados na área por aqui. Muitas vezes, os professores se aposentavam nesses estados e vinha participar do concurso aqui. E, com isso, o curso melhorou muito, porque os professores contratados já tinham ampla experiência.





Reunião para o reconhecimento do Curso de Agronomia, no Ministério da Educação e Cultura, em Brasília, em 1966, com a presença do Vice-Governador do Estado de Goiás (Osires Teixeira), do Reitor da UFG (Jerônimo Geraldo de Queiroz), do Diretor (Farnese Dias Maciel Neto) e professores da Escola de Agronomia.

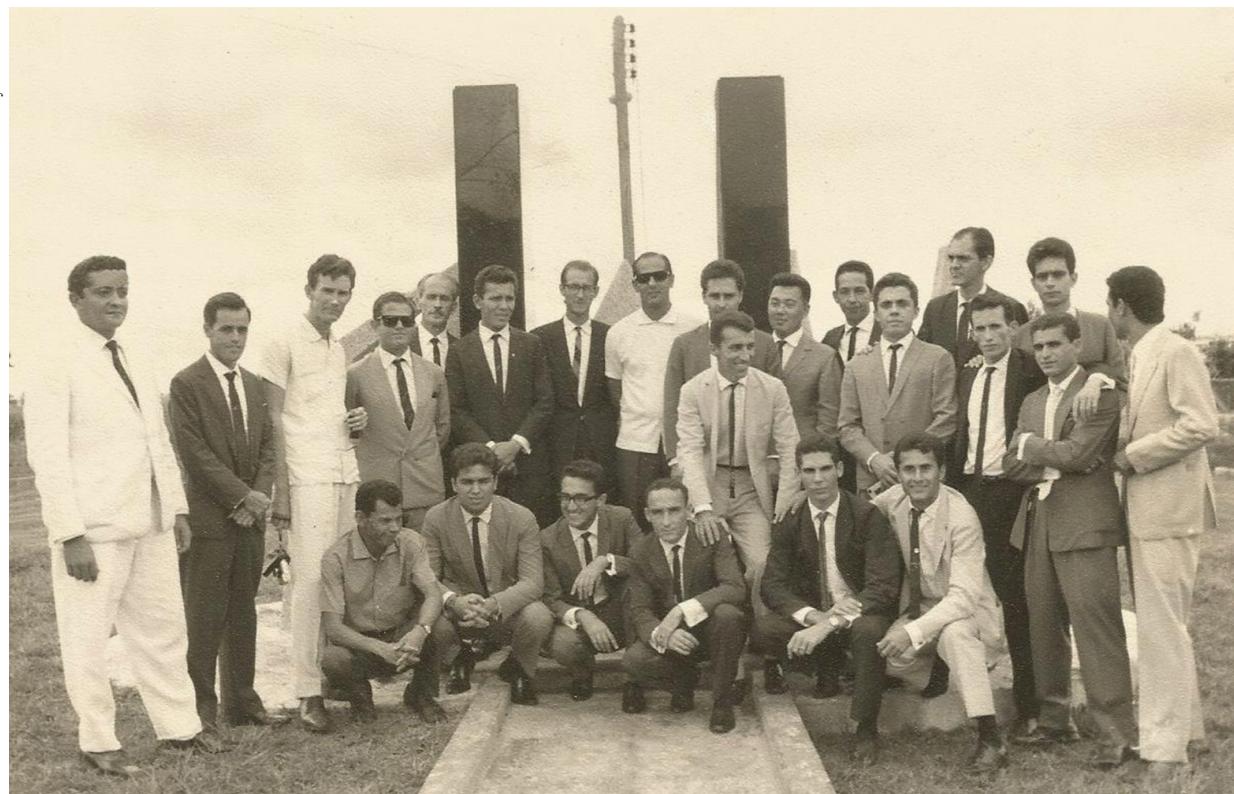
Naquela época, o concurso era feito mediante o envio de currículo ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), que era o órgão responsável pela seleção. Então, eu enviei o meu currículo e, em razão de toda a experiência que eu havia acumulado com

as edificações na Escola, eles me selecionaram, e me deram o título mais alto que havia para professor: Professor Titular. No próprio dia da formatura, o diretor da Escola, Farnese Dias Maciel Neto, me chamou de lado e disse assim: “Não vá inventar de procurar emprego fora não!”.

Fui selecionado como um dos professores do setor de Engenharia Rural, para ministrar a disciplina de Construções Rurais, a qual eu acabei inaugurando.

Eu gostava muito de fotografia e, na Agronomia, existia a disciplina Fotogrametria e Fotointerpretação, mas não havia professor para a disciplina. Quando a Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, criou o primeiro curso nessa área, eu disse ao Diretor da Escola: “Eu estou querendo fazer esse curso”. Ele respondeu: “Você que sabe, você que sabe!”. Aí, eu coloquei a família inteira no carro e nos mudamos para lá. Então, eu fiz mestrado nessa área, que hoje é conhecida como Sensoriamento Remoto, porque, quando eu fui para lá, a gente trabalhava com fotografia de avião.

Era o início dos testes de satélite. Nós aprendemos alguma coisa nessa parte de satélites lá, mas era complicado, porque o governo, naquela época,



Formatura da primeira turma do curso de Agronomia da UFG.

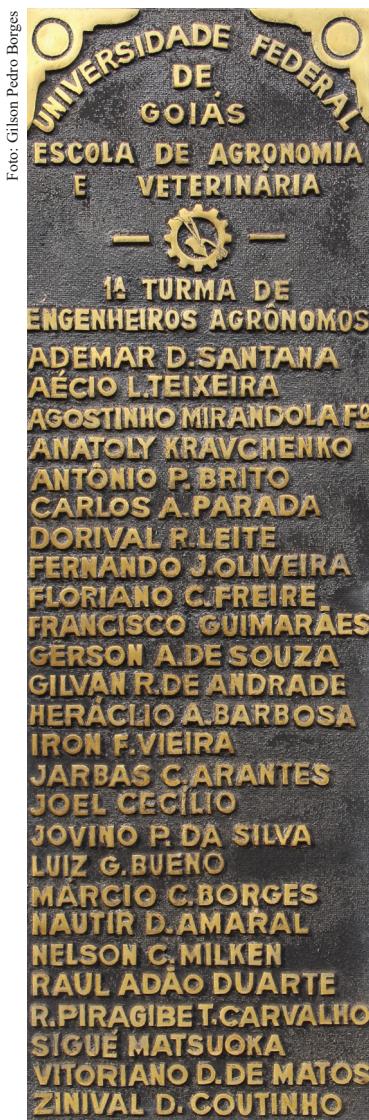


Foto: Gilson Pedro Borges

era militar, e não permitia que a gente adquirisse as imagens de satélite do Brasil. Havia muita burocracia. Era necessário solicitar às forças armadas e tudo mais. Mas eu voltei já formado e criei essa disciplina na Escola.

Após a conclusão do mestrado, comecei a receber convites de instituições como o Banco do Brasil, órgãos do estado de Goiás que faziam projetos ambientais, corpo de bombeiros e Escola Técnica, para ministrar o curso para eles. Ou seja, todo mundo viu a importância e a necessidade dessa disciplina. Por exemplo, no caso do Banco do Brasil, lá no Rio Grande do Sul, havia grandes lavouras de arroz e de milho. E o que o pessoal fazia? Pegava dinheiro emprestado para plantar, vamos supor, 10 alqueires de milho. Você chegava lá com a fotografia da área, e

quem falou que tinha isso? O cara plantava milho em volta da área e deixava o centro vazio. E o dinheiro ele investia em carro, em caminhonete. Aí eu acabei com essa mamata! Ensinei os técnicos do Banco do Brasil a trabalhar com esse material. Aqui em Goiás, o pessoal do corpo de bombeiros também precisava, muitas vezes, de fotografias grandes, para resolver problemas de incêndios, de pastos e tudo mais. Depois, a Escola Técnica também passou a oferecer essa disciplina, de nível médio.

E eu continuei na Escola, trabalhando com fotografias de avião, porque, de satélite, a evolução não permitia ainda. E aí nós geramos vários mapas de Goiás, lá no DERGO, principalmente para a implantação de rodovias, porque você olhava na fotografia e já sabia onde podia passar. Uma vez, eu fui contratado para realizar um trabalho na rodovia Belém-Brasília, no qual os topógrafos iam pelo campo e registravam todos os ângulos por onde eles passavam, traziam as cadernetas de campo para mim e, à noite, eu lançava isso no papel vegetal. E assim, de Ceres até Estreito, eu fiz o projeto inteirinho.

Para formar o acervo de fotos aéreas da Escola de Agronomia, eu criei uma estratégia que deu certo: como eu fiz vários cursos em empresas de aviação lá em São Paulo, bem como no Instituto de Pesquisa Espaciais, eu pedia a doação das fotos que eles não iriam utilizar mais, e eles mandavam tudo para mim na Escola. Até hoje eu tenho um monte de fotografias que não se usam mais, porque agora há satélites que disponibilizam imagens muito mais nítidas do que aquelas tiradas de avião.

Já para as fotos aéreas que tirei da Escola de Agronomia, havia um secretário lá, chamado Paulo César, que tinha um teco-teco, baseado aqui no aeroporto de Goiânia. Aí eu disse a ele: “Toda vez que você for voar por aí, ou testar o avião, você me chama para eu bater as fotos”. Assim, toda vez que ele levantava voo, eu ia junto com ele, e acabei tirando fotos aéreas da cidade inteirinha. Depois juntava e fazia mapas.

Assim, lecionei na Escola de Agronomia por quase 30 anos. Após a aposentadoria, acabei ficando na Escola por mais dois anos, porque não havia profissional capacitado para assumir a disciplina que eu ministrava.

Hoje, eu chego lá e vejo a evolução que houve (novas construções, disciplinas, cursos de graduação, mestrado e doutorado), o que me permite concluir que valeu a pena: fiz aquilo que eu gostava de fazer!